

Cadernos de estágio

Uma jornada de descobertas: a transformação através do estágio em sociologia

Priscila Maria Silva Oliveira

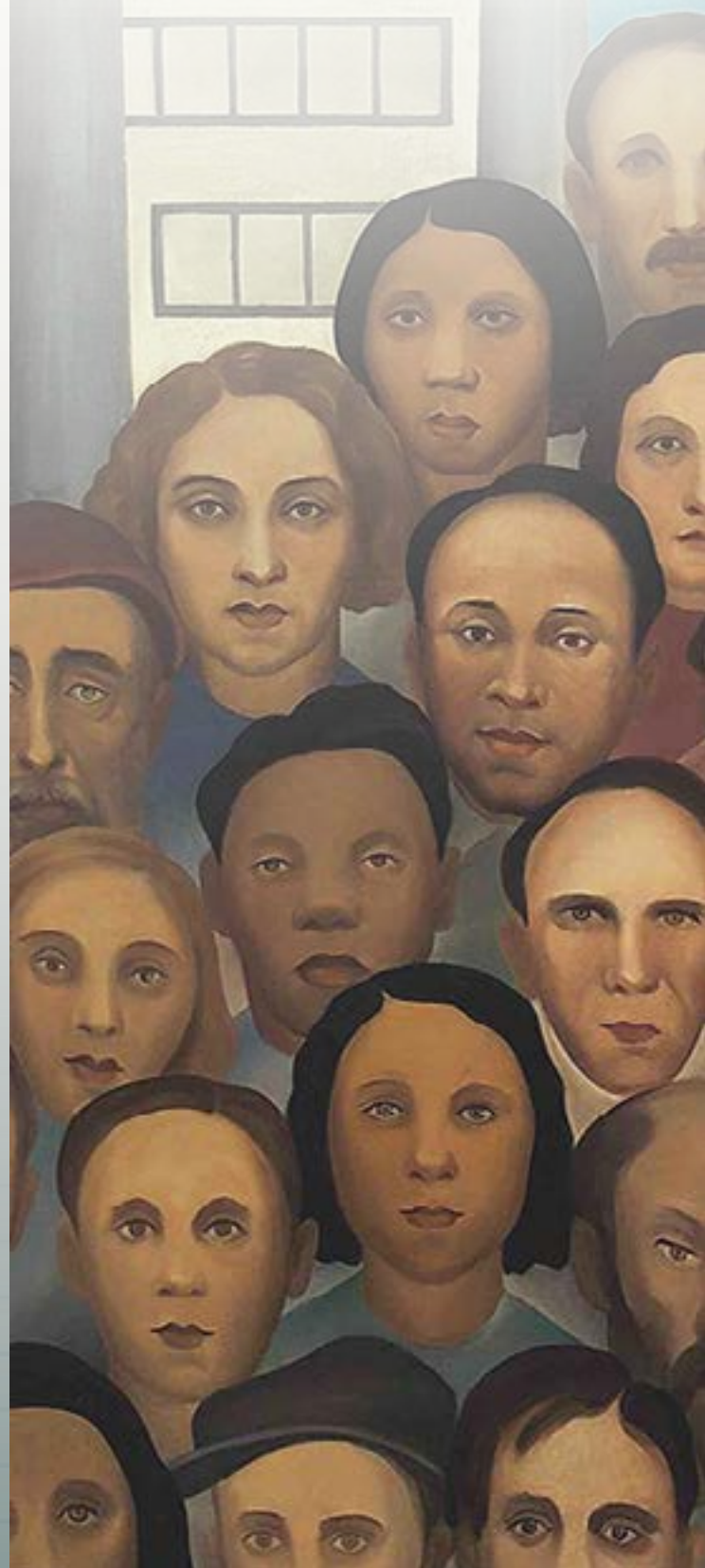
Informações

1 priscila.oliveira@ifam.edu.br

Como citar este texto

MARIA SILVA OLIVEIRA, P. UMA JORNADA DE DESCOBERTAS: A TRANSFORMAÇÃO ATRAVÉS DO ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA. Cadernos de Estágio, v. 6, n. 2, 2024. DOI: [10.21680/2763-6488.2024v6n2ID37599](https://doi.org/10.21680/2763-6488.2024v6n2ID37599).

O estágio supervisionado no curso de Segunda Licenciatura em Sociologia do Departamento de Ensino da Faculdade IBRA não foi apenas uma exigência acadêmica, mas uma verdadeira imersão em um mundo novo e desafiador. O Estágio foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Conrado Pinto Gomes, no Município de Eirunepé, Amazonas. Desde o primeiro momento em que entrei naquela escola, mais especificamente nas turmas de ensino médio, onde seria realizada minha atividade, sabia que estava prestes a viver algo profundamente transformador. Estava ali para aprender, mas também para me conectar a uma realidade social que, até então, só havia estudado em livros e por meio da internet. A ex-



perícia de estagiar depois de já ter uma experiência como professora em sala de aula foi o início de uma jornada que mudaria completamente minha visão sobre o ensino e sobre meu papel como educadora.

Vale lembrar que, desde 2020 sou professora, já passei por outros estágios como o da Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e o de Pedagogia. Porém, sempre quis conhecer melhor e quem sabe lecionar a Sociologia. Entender a sociedade pode ser desafiador em alguns momentos, mas creio que nos faz entender os porquês nas interações sociais, as diversidades, desigualdades, pensamento crítico e na tentativa de contribuir para solucionar problemas sociais.

77

A escola escolhida foi em função de ser próxima à minha residência, localizada Bairro Santo Antônio, porém a decisão foi muito mais estratégica do que isso: Estar em um bairro com um histórico de vulnerabilidade social me permitiria vivenciar, de perto, as condições adversas que muitos jovens enfrentam para continuar estudando. A pobreza, a violência e a exclusão social estavam presentes no dia a dia dos alunos, e era nesse contexto que eu iria atuar. Não foi fácil, essa imersão na realidade escolar e local trouxe à tona um novo nível de consciência para mim: o quanto o contexto social afeta diretamente o desempenho escolar e as relações de aprendizagem.

Logo no início, a escola se revelou um espaço simples, mas profundamente acolhedor. Cada detalhe da estrutura física demonstrava a criatividade e o esforço da equipe em transformar o ambiente em algo funcional e, acima de tudo, humano, como por exemplo: Cartazes de acolhimento nas salas e nos corredores; organização das carteiras; ambiente limpo; murais de alunos destaques, entre outros. A organização e o cuidado com os materiais como os livros, por exemplo, mesmo com as limitações, refletiam um ambiente educacional em que todos estavam comprometidos em fazer o melhor possível com os recursos que tinham. Essa sensação de acolhimento permeava os corredores, as salas de aula e a interação entre professores e alunos.

A experiência dentro da sala de aula foi realizada com alunos do 1º, 2º e 3º ano do ensino médio, turno vespertino. Os alunos tinham entre 15 a 19 anos. A maioria desses alunos vêm de famílias em vulnerabilidade social, ou seja, são marcados por fatores como desigualdade e exclusão social, principalmente. Além disso, vale ressaltar que suas famílias também enfrentam problemas como desemprego, violência, discriminação e insegurança alimentar, dificultando suas chances de superar as adversidades. Foi desafiador, pois a disciplina



de Sociologia, com seus temas densos e teoricamente difíceis, exigia um empenho contínuo dos professores para tornar o conteúdo acessível e significativo para os alunos.

A observação de aulas que tratavam de temas como “Autoria Clássica e Contemporânea” e “Estratificação Social” foi uma verdadeira lição de como adaptar o conteúdo acadêmico às realidades diversas dos estudantes, visto que o professor buscou desde o início adaptar e conectar constantemente a teoria à prática, fazendo com que os alunos enxergassem a relevância da Sociologia em suas próprias vidas. Assim, observei que o professor, em alguns momentos, buscou problematizar a realidade dos educandos, levando-os a refletir sobre as desigualdades sociais que os mesmos enfrentam – muitas vezes sem perceber, e os desafios de suas próprias comunidades. Além disso, com relação ao livro didático, observei que foi utilizado pelo professor da turma poucas vezes, usando apenas como material de apoio, a fim de complementar as estratégias utilizadas em sala.

Uma das experiências mais marcantes foi ver como os alunos reagem quando desafiados a refletir sobre suas próprias realidades. Primeiramente, o professor trazia uma situação problema para reflexão, e, em seguida, já trazia os conceitos relevantes da aula, o que trazia uma visão bem diferente do que eles já tinham, principalmente sobre a reali-

dade vivenciada por eles. Muitos deles vinham de contextos de pobreza e exclusão, e quando a Sociologia lhes dava a oportunidade de questionar essas estruturas, algo mágico acontecia, enquanto eu observava do fundo da sala.

Ao observar essas dinâmicas em sala, foi possível identificar o uso de conceitos sociológicos basilares, como a imaginação sociológica e o estranhamento. O professor, ao conectar a teoria com as vivências dos alunos, os instigava a olhar para suas realidades de forma crítica – foi o que o docente induziu os alunos inicialmente com a problematização, rompendo com a visão naturalizada das desigualdades que enfrentam. Esse processo de desnaturalização deixou os estudantes reflexivos sobre as estruturas sociais que os afetavam, trazendo uma nova compreensão sobre o mundo ao seu redor. A perspectiva sociológica utilizada em aula não apenas ampliou a compreensão sobre os temas discutidos, mas também convidou os alunos a repensar suas posições na sociedade.

As discussões, que muitas vezes começavam tímidas, logo se transformavam em debates intensos e apaixonados. Eu via nos rostos dos alunos um misto de surpresa e entusiasmo ao perceberem que a disciplina não era apenas mais uma matéria para decorar, mas um convite para entender o mundo ao seu redor e, quem sabe, transformá-lo.

Também tive a oportunidade de participar das avaliações, que eram va-

riadas e buscavam atender diferentes perfis de aprendizagem. Desde provas objetivas até discussões em grupo e apresentações, cada atividade era planejada para engajar os alunos de maneira ativa. Percebi, no entanto, que o tempo disponível para a disciplina era um dos maiores desafios. Com apenas uma aula por semana, era difícil aprofundar os conteúdos e garantir que todos os alunos compreendessem plenamente os temas. Esse foi um dos pontos que mais me impactou: a limitação do tempo e dos recursos colocava a Sociologia em segundo plano, mesmo sendo uma disciplina essencial para a formação crítica dos alunos.

79

Outro aspecto que me fez refletir bastante foi sobre o papel da escola como um espaço de refúgio. Para muitos alunos, a sala de aula era o único lugar onde eles podiam expressar suas opiniões e serem ouvidos. Ver as mudanças e os aprendizados deles ao longo dos poucos 3 meses de estágio, fez-me ver jovens tímidos passarem a se sentir mais seguros para falar sobre suas experiências e realidades. A Sociologia, nesse contexto, funcionava como uma ponte, conectando o que eles viviam com o que aprendiam. Foi um processo de descoberta mútua, onde tanto alunos quanto professores aprendiam e cresciam juntos.

O estágio supervisionado também me proporcionou uma perspectiva única sobre o papel do professor na sociedade. Ao observar o trabalho dos profissio-

nais, vi de perto o que significa ser um educador comprometido, que não apenas ensina conteúdos, mas que também inspira e motiva. A relação entre professor e aluno transcende o ambiente escolar e se torna uma verdadeira parceria para o desenvolvimento humano. Isso me fez refletir sobre minha própria trajetória e sobre o impacto que espero ter na vida dos meus alunos, pois tenho buscado isso desde o primeiro dia como professora.

Ao final dessa jornada, saí com a certeza de que o ensino de Sociologia tem o potencial de transformar vidas. Sim, meus caros! A disciplina vai muito além da teoria, ela oferece aos alunos ferramentas para questionar, refletir e agir. O uso de conceitos como estranhamento e desnaturalização – como já citados anteriormente, foi essencial para que os alunos pudessem/possam problematizar sua realidade e enxergar as desigualdades sociais que muitas vezes passam despercebidas. Para mim, o estágio foi um momento de profunda transformação pessoal e profissional. Senti que cresci, não apenas como educadora, mas como pessoa. Aprendi que o ensino é uma troca constante, e que o papel do educador é guiar os alunos para se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

Essa experiência ficará marcada para sempre em minha memória como um período de descobertas e aprendizados intensos. O estágio me mostrou que,

para educar, é preciso mais do que conhecimento técnico. É preciso sensibilidade, empatia e uma vontade genuína de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Foi uma jornada que não apenas reafirmou minha escolha pela docência, mas que me deu forças para seguir em frente com a certeza de que, juntos, podemos fazer a diferença.

O que mais desejo hoje é que cada professor possa ter sensibilidade e que possa acolher os alunos que desejam mudar a realidade em que vivem. O professor é uma ponte para a transformação.